

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
OLHARES DO MEDITERRÂNEO – WOMEN’S FILM FESTIVAL  
15 de Novembro de 2022

## BARAKAT / 2019 “Bênção”

*um filme de Manon Nammour, Mariana Abou Elias*

Realização: Manon Nammour, Mariana Abou Elias / Argumento: Manon Nammour /  
Fotografia: Pauline Maroun / Som e música: Cedric Kayem / Fotografia: Pauline Maroun /  
Montagem: Ornella Maalouf / Direção Artística: Mariana Abou Elias / Interpretação: Mounir  
Maasri, Camille Salameh, Rudy Ghafari, Christine Choueiri.

Produção: K Production (Líbano, 2019) / Produtor: Nicolas Khabbaz / Cópia: Ficheiro, cor,  
em árabe, legendada em inglês e electronicamente em português / Duração: 14 minutos /  
Primeira apresentação pública: 10 de Setembro de 2019, Toronto International Film Festival /  
Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

## YAWMIYAT SCHEHERAZADE / 2013 “O Diário de Scheherazade”

*um filme de Zeina Daccache*

Realização e Argumento: Zeina Daccache / Fotografia: Jocelyne Abi Gebrayel / Som: Raed  
Younan / Fotografia: Jocelyne Abi Gebrayel / Música: Khaled Mouzannar / Montagem:  
Michele Tyan / Com: Reclusas da Prisão de Baabda.

Produção: Catharsis-Lcdt (Líbano, 2013) / Cópia: Ficheiro, cor, em árabe, legendada em  
inglês e electronicamente em português / Duração: 80 minutos / Primeira apresentação  
pública: 5 de Dezembro de 2013, Dubai International film festival / Inédito comercialmente  
em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

sessão apresentada por Sam Lahoud

---

Uma sessão organizada no âmbito do Festival “Olhares Do Mediterrâneo – Women’s Film Festival”, incluída no seu programa especial dedicado ao Líbano, a que o Festival chamou “Olhares do Líbano”. **Barakat**, sendo uma obra de ficção, afirma-se claramente como um documento sobre a gentrificação de uma cidade. Não se trata de uma cidade qualquer, mas de Beirute, o que traz toda uma carga histórica e simbólica que torna mais complexa uma questão, que se estende a muitos centros urbanos. Uma cidade que perdeu a memória de uma guerra ainda recente, que é interrogada por um senhor idoso que volta a Beirute para comprar uns sapatos para o casamento do neto. Perdido no meio de um conjunto de ruas que agora não lhe dizem nada, procura em vão uma loja de nome Barakat. Poderia ter perdido a memória

desse local, mas neste caso foi a cidade que a perdeu, transformando as ruas que o protagonista tão bem conhecia num bairro de lojas caras e modernas iguais a tantas outras, que pontuam os centros das grandes cidades. Manon Nammour, realizadora de origem libanesa, encontra assim em mais uma curta-metragem o modo de olhar para o passado do seu país, como já havia feito em **On The Ropes** (2016), curta-metragem estreada no Festival de Locarno que certamente contribuiu para que em 2018 fosse considerada como uma das cinco “Arab stars of tomorrow”.

Filmado em 2012 numa prisão feminina em Beirute, **Yawmiyat Scheherazade** acompanha um workshop de “terapia teatral” promovido junto das reclusas durante dez meses. Intitulado “Scheherazade em Baabda”, trata-se de uma experiência que desafia a violência inscrita nos corpos e nas vidas destas mulheres em relação com o grande clássico *As Mil e uma Noites*. Acedemos às suas experiências pessoais e às razões da sua acusação num misto de entrevista e antecipação de uma representação, percebendo através das suas vozes como são histórias de violência doméstica, infâncias traumáticas, ou de adultério, que conduziram a trágicos desfechos, que mais não seja o de um cárcere, na maior parte dos casos sem acusação ou culpa formada.

Estas mulheres de todas as idades rememoram a sua experiência pessoal para nos mostrar como é difícil ser mulher, e como é mais difícil ser mulher no mundo árabe, onde os seus direitos são frequentemente cerceados. Um filme que dá voz àquelas que habitualmente não têm voz, a mulheres com vidas destruídas que revelam a violência extrema sobre elas exercida. Tal é bem explícito na sequência da visita das famílias à prisão, em que a felicidade da maior parte das mulheres filmadas contrasta com o semblante fechado daquelas que se recolhem na sua solidão. Uma delas expressa perfeitamente tal desfasamento, quando relata um encontro com a filha, que já não era a mesma, sentindo-a mais velha que ela própria. A confissão pungente de uma mãe que traduz bem como a opção pela prisão prolonga a miséria nas novas gerações.

Não obstante algumas fraquezas, **O Diário de Scheherazade** é extremamente eficaz na sua denúncia de uma realidade social extremamente violenta. E se o teatro é aqui usado como terapia para ajudar a exorcizar o mal e lidar melhor com os sentimentos de perda que uma vida atrás das grades acarreta, tal terapia acaba por ser prolongada pelo filme. É importante referir que, alguns anos antes de realizar o **O Diário de Scheherazade**, a própria realizadora, Zeina Daccache, fundou em 2007 a ONG Catharsis-Lebanese Center for Drama Therapy, responsável pela implementação de ferramentas inovadoras para este tipo de terapia através do teatro no Líbano, e que em 2009 conduziu uma experiência semelhante na prisão masculina de Roumieh, encenado com os seus reclusos a peça “12 Angry Libanese”, que daria origem a um filme com o mesmo nome. Uma posterior alteração da legislação penal no sentido de atenuar as penas de prisão por bom comportamento, revela claramente o alcance do projecto desta encenadora-realizadora, e como uma experiência transformadora para os presos com que trabalha, também o é para o público e para todos aqueles os que os acompanham dentro e fora da prisão.

Joana Ascensão